

Uma reflexão sobre os evangelhos apócrifos e sua singularidade na formação da cultura cristã

Gilmar de Lima¹

Prof. Me. Leonardo Henrique da Silva²



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



<https://doi.org/10.32459/2447-8717e391>

Recebido: 18-09-2026 | **Aprovado:** 07-10-2026 | **Publicado:** 31-10-2026

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre os Evangelhos Apócrifos e sua importância histórica para a formação da cultura cristã. Esses escritos, produzidos e difundidos em diferentes comunidades dos primeiros séculos do cristianismo, não foram incorporados ao cânon do Novo Testamento, mas preservam tradições, interpretações e perspectivas variadas sobre Jesus e a experiência das comunidades cristãs. A partir, especialmente, da obra *Bíblia Apócrifa: Segundo Testamento*, de Jacir de Freitas Faria, são examinados o contexto de formação do cânon, os principais escritos apócrifos, sua diversidade literária e teológica e a presença do gnosticismo. Argumenta-se que a leitura desses textos amplia a compreensão da pluralidade do cristianismo primitivo e de suas repercussões na cultura, na religiosidade e nas tradições cristãs.

Palavras-chave: Evangelhos apócrifos; Cristianismo primitivo; Literatura cristã antiga; Cânon bíblico; Gnosticismo.

Abstract: This article reflects on the apocryphal Gospels and their historical significance for the formation of Christian culture. These writings, produced and circulated among different communities during the first centuries of Christianity, were not included in the New Testament canon, but they preserve varied traditions, interpretations, and perspectives on Jesus and early Christian communities. Drawing particularly on Jacir de Freitas Faria's *Bíblia Apócrifa: Segundo Testamento*, the article examines the formation of the canon, the main apocryphal writings, their literary and theological diversity, and the presence of Gnosticism. It argues that reading these texts broadens our understanding of the plurality of early Christianity and its influence on Christian culture, religious practices, and traditions.

Keywords: Apocryphal Gospels; Early Christianity; Ancient Christian Literature; Biblical Canon; Gnosticism.

¹ Pós-Graduado em Ciências Patrísticas.

² Prof. Me. Leonardo Henrique da Silva (Orientador).

Introdução

Grande era a diversidade de escritos que circulavam entre as primeiras comunidades cristãs e que eram considerados sagrados nos primeiros séculos do Cristianismo. Importante ressaltar que grande parte dos textos considerados sagrados e que movimentavam a vida das comunidades foram transmitidos via oral pelos seus líderes e aos poucos foram sendo registrados em papíros e pergaminhos.

Grande parte das narrativas que circulavam nas primeiras comunidades cristãs não foram registradas e as que foram, muitas se perderam ao longo dos tempos.

Chamados de Evangelhos Apócrifos, muitos dos escritos que circularam no cristianismo, nas comunidades primitivas, demonstravam a diversidade de credo e interpretação dos eventos que marcaram a Vida e Ação de Jesus de Nazaré, bem como cartas e instruções às comunidades nascentes no tocante à orientação de suas reuniões, orientações acerca do modo de vida.

Diferentemente dos evangelhos considerados canônicos — Mateus, Marcos, Lucas e João —, esses textos não foram reconhecidos pelos líderes cristãos, com o passar do tempo, sobretudo os cristãos Romanos, sendo excluídos do cânon bíblico ao longo dos primeiros séculos da era cristã.

Mesmo não inseridos no chamado Cânon oficial, esses textos constituem fontes relevantes para o estudo histórico, vivencial e teológico das primeiras comunidades cristãs. Tais textos, em alguns casos, são quase que idênticos aos textos considerados canônicos.

Diversas passagens escritas nesses textos serviram de base para fundamentação de dogmas e crenças para o cristianismo predominante. Exemplo claro, conhecimento dos nomes dos Santos Reis, sobre o Dogma da Assunção de Maria, parte da devoção aos pais de Maria a Mãe de Jesus.

Contexto histórico

É Consenso entre os pesquisadores do assunto, que entre os séculos II e III, os textos apócrifos foram importantes devido a sua utilização na vida das comunidades nascentes, pois esses textos produzidos buscavam preservar as tradições orais, interpretar a figura de Jesus e responder a questões práticas do dia a dia das comunidades, ou seja, doutrinas emergentes ensinadas pelos apóstolos e por grupos ligados aos apóstolos.

No contexto histórico dos primeiros cristãos, não havia consenso por parte de todos, ou da maioria, sobre quais escritos seriam considerados inspirados, sagrados e de confiança

em termos de sua autoria e origem, que poderiam ser lidos e suas liturgias bem como servir de base para sua catequese.

A definição acerca dos livros que seriam inseridos no Cânon do Novo Testamento foi sendo concebida aos poucos e envolveu, segundo Jacir 2025, em sua obra *Bíblia Apócrifa Segundo Testamento* (p.25), 6 critérios que devem ser considerados:

- 1º caráter ortodoxo ao professar a fé na ressurreição de Jesus;
- 2º ter sido escrito por um apóstolo ou pela tradição apostólica;
- 3º ser usado na liturgia por muitas igrejas apostólicas;
- 4º ter sido inspirado pelo Espírito Santo;
- 5º ter sido catalogado na lista de Flávio Josefo;
- 6º não ter origem e aceitação entre os grupos de oposição ao cristianismo.

Os Evangelhos Apócrifos, foram sendo deixados de lado ou desconsiderados aos poucos pelas autoridades religiosas dominantes por não atenderem, em linhas gerais, a esses critérios, sendo predominantemente associados a correntes filosóficas e teológicas heterodoxas, como sendo influenciadas por teorias como filosóficas-religiosas, sobretudo o gnosticismo.

Antes da formação do Cânon oficial, informações datam que Marcião de Sinope, teólogo cristão (83-160), no segundo século já elaborara um cânone contendo alguns textos sagrados que seriam permitidos, ou pelo menos, circulavam predominantemente entre as diversas comunidades. Havia um outro cânone, proposto como basilar para o cristianismo primitivo, porém a natureza desse cânone era desconhecida pela comunidade, isso no mesmo século, cânone Muratoriano.

Santo Irineu de Lyon, apresentou em 202 sua opinião acerca de quais livros poderiam ser sagrados. Orígenes em 253, propõe alguns livros que poderiam ser considerados parte do Cânone. Eusébio de Cesaréia em 339, acolhe parte desses livros, mas não todos. Atanásio de Alexandria também contribui para a formação do Cânone do Novo Testamento, que fora aprovado em 393, Hipona, que fora ratificado em 397 e 418, Concílio de Catargo. Embora atribuído a Lista do Cânone Cristão a Atanásio de Alexandria, somente no século VI que temos um cânone mais popular entre as Igrejas e a sua definição somente no Concílio Florença (1441), que fora reafirmado em Trento (1545-1563).

Até chegar a universalidade dos livros considerados sagrados, inspirados, muito se debateu e se analisou. Frente a isso, muitos textos que poderiam agregar e enriquecer as

narrativas oficiais foram desconsiderados, totalizando aproximadamente “quase duzentos livros que ficaram de fora”. Jacir 2025.

Principais evangelhos apócrifos

Evangelho de Tomé

É uma obra que constitui em uma coleção de ditos atribuídos a Jesus, com caráter sapiencial. Não apresenta narrativa da paixão ou ressurreição, enfatizando o conhecimento interior como caminho de salvação.

Evangelho de Pedro

Apresenta uma narrativa da paixão e ressurreição com elementos extraordinários e simbólicos.

Evangelho de Maria Madalena

Valoriza a figura de Maria Madalena como discípula privilegiada, destacando revelações espirituais e conflitos de autoridade.

Protoevangelho de Tiago

Focado na infância de Maria e no nascimento de Jesus, influenciou tradições cristãs sobre a virgindade de Maria.

Evangelho de Judas

Retrata Judas Iscariotes de forma distinta, como alguém que compreende a missão de Jesus.

Literatura e teologia

Os Evangelhos chamados de Apócrifos apresentam diversidade de estilos e conteúdo, podendo ser classificados tanto em termos de literatura quanto de conteúdo teológico, para melhor compreender essa obra.

As características literárias dos textos apócrifos podem ser compreendidas da seguinte forma, nos auxilia Jacir, 2025:

Evangelhos do nascimento e da infância de Jesus.

Relatam e descrevem desde o nascimento de Jesus até suas ações no desenvolver da sua infância, adolescência. São eles: Pseudo -Tomé, Pseudo-Mateus, Livro da Infância do Salvador, Evangelho Armênio da Infância de Jesus, Evangelho latino da Infância de Jesus;

Evangelho sobre Maria.

Relatam o papel de Maria na economia da salvação, bem como sua importância na vida de Jesus. Nesses Evangelhos toda a vida de Maria até sua morte e assunção ao céu é descrita. São eles: Protoevangelho segundo Tiago, Livro do Descanso, Livro de São João, o Teólogo, Livro de Maria – Pseudo Milão de Sardes, Livro de São João de Tessalônica, Trânsito da Bem-Aventurada Virgem Maria de José de Arimatéia;

História de José, o Carpinteiro.

Embora curto, o texto sobre José relata sua importância na vida de Jesus como pai adotivo. Texto: Evangelho sobre José;

Evangelhos da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Esses Evangelhos podem ser considerados complementares às narrativas dos Evangelhos Canônicos. São eles: Evangelho Segundo Gamaliel, Segundo Nicodemos – Atos de Pilatos, Descida de Cristo aos infernos, Declaração de José de Arimatéia, Evangelho segundo Pedro, Evangelho segundo Bartolomeu, A Sentença de Pilatos sobre Jesus);

Evangelhos Gnósticos.

Fortemente combatido por algumas lideranças Cristãs dos primeiros séculos, esses Evangelhos exerceram fortemente influência sobre várias comunidades cristãs. Suas características fundamentais apresentam Cristo como Sabedoria de Deus, logos do Pai. São eles: Evangelho segundo Maria Madalena; Evangelho segundo Tomé; Evangelho segundo Filipe; Evangelho segundo Judas Iscariotes; Apócrifo de Tiago; Pitis Sophia (Fé na Sabedoria); Evangelho segundo Bardesane; Evangelho segundo Apelle; Evangelho segundo Basílides; Evangelho Copta segundo os egípcios; Evangelho segundo Eva; Evangelho segundo Matias; Evangelho da Perfeição; Evangelho dos quatro reinos celestiais; Evangelho do Salvador; Evangelho da Verdade; Revelação secreta de João; Diálogo do Salvador; Sabedoria de Jesus Cristo; Livro de Tomé o Atleta.

Evangelhos judeu-cristãos.

Trata-se de Evangelhos que tem relação com os gnósticos, mas que foram Evangelhos da primeira metade do século II, que teve relação com os sinóticos. São eles: Evangelho segundo os ebionitas, ou os doze Apóstolos; Evangelho segundo os nazarenos; Evangelho segundo os judeus.

Evangelhos e Fragmentos de Evangelhos perdidos.

Embora grande parte do conjunto dessas obras sejam apenas fragmentos, esses textos revelaram grande conexão com os contextos das outras obras consideradas apócrifas. São eles: Pregação de Pedro; Evangelho segundo André; Evangelho segundo Cerinto; Evangelho segundo os Doze; Evangelho segundo Mani; Evangelho segundo Marcião; Evangelho secreto de Marcos; Evangelho segundo os Setenta; Evangelho segundo os adversários da Lei e dos Profetas; Evangelho Vivo; Evangelho segundo Tadeu; Papiro Oxyrhynchus 840; Evangelho de Ossirinco; Papiro Oxyrhynchus 122 (Evangelho Ossirinco); Papiro Fayyum; Papiro de Egerton 2; Papiro de Berlim; Papiro Evangelho Esposa de Jesus; Perguntas de Maria; Memórias dos Apóstolos.

Além dos Evangelhos supra, dentro da literatura apócrifa, encontramos diversas obras intituladas de Atos atribuídas aos Apóstolos (Abdias, Atos de Paulo, Tecla, Pedro, Pedro e André, Matias, André e Matias, Barnabé, Bartolomeu, Filipe, Tiago (irmão do Senhor), Tiago menor, Judas Tadeu e Simão, Atos de Tadeu, Timóteo, Tito, João, Xântipe e Polixena), bem como diversas cartas (Alexandrinus, Barnabé, Coríntios, Inácio, Laodicenses, Sêneca, Carta de Pedro e Filipe, carta de Tito, carta de Jesus a Abgar, cartas de Abgar a Cristo, Públio Lêntulo, Carta de Inácio, carta de Clemente a Tiago) e uma literatura Apocalíptica (Primeiro apocalipse de Tiago; Segundo apocalipse de Tiago; Apocalipse da Virgem; Apocalipse de Pedro; Apocalipse Copta de Pedro; Apocalipse de Paulo; Apocalipse de Tomé; Apocalipse de Estevão; Oráculos Sibílicos).

Em termos de conteúdo e teologia, muitos dos textos apócrifos refletem ideias gnósticas, como o dualismo entre matéria e espírito e a ênfase no conhecimento (gnose) como meio de salvação.

Jacir 2025, em sua obra *Bíblia Apócrifa* p. 32 e 33, classifica os textos apócrifos da seguinte forma: “os Apócrifos podem também ser classificados, conforme seu conteúdo em relação aos canônicos, em três categorias: Aberrantes, Complementares e Alternativos.”

No tocante a literatura classificada como Aberrantes, Jacir 2025, esclarece que esses textos apresentam como principal a utilização da linguagem do exagero nas narrativas sobre a vida e ações de Jesus e que a tradição cristã católica avaliou como equivocada e carente de verdade no sentido, que ao não encontrar respaldo na história e historiografia, fato que corroborou na compreensão de uma literatura sem inspiração divina e que a aceitação desses livros apresentava riscos a ortodoxia.

No que se refere aos textos Complementares, Jacir 2025, alude que são escritos que não apresentam diferenças significativas em relação aos textos canônicos, mas que os complementam com a oferta de dados, cenas, informações adicionais que o enriquecem.

Já nos textos alternativos, Jacir 2025, afirma que são textos contrários aos textos canônicos que predominaram no cristianismo oficial hegemônico, que grande parte desses escritos narram a salvação do homem como um processo de iluminação, conhecimento e não como um processo de cruz e sofrimento, típico dos textos oficiais.

Presença do gnosticismo

Grande parte dos textos apócrifos foram rejeitados pelo Cristianismo, sobretudo pelos cristãos católicos romano, grupo de cristãos que se tornaria hegemônico, devido à presença do gnosticismo em sua estrutura.

A alegação para a rejeição desses escritos considerados apócrifos se deu devido à forte influência do movimento filosófico-religioso conhecido como gnosticismos propagado por alguns pensadores nos séculos II e III.

O Gnosticismo foi bastante combatido pelos chamados Padres da Igreja, sobretudo por Irineu de Lyon (130/202), em uma obra com o título *Contra as Heresias*; Tertuliano (155–220 d.C.), em sua obra *Contra os Valentinianos*; Hipólito de Roma (170/230), em sua obra *Confutação das Heresias*; Orígenes de Alexandria (185/254), em sua obra *Comentário ao Evangelho de João*; Clemente de Alexandria (150/215), em sua obra *Excerpta ex Theodoto*.

Em linhas gerais, o gnosticismo defendia que o mundo material era inferior ao mundo espiritual, gerando assim a ideia de dualismo corpo x alma, bem versus mal, matéria x espiritual, que a gnose, o conhecimento, era a chave de abertura para o mundo interior e que elevava o homem, que a salvação era fruto dessa descoberta interior, da elevação da mente. Acreditava-se que o mundo material não havia sido criado pelo verdadeiro Deus supremo, mas por uma divindade inferior e ignorante chamada Demiurgo (frequentemente identificada com o Deus do Antigo Testamento). O Demiurgo e seus arcontes (governantes espirituais) eram vistos como forças opressoras que aprisionavam centelhas divinas (almas humanas) em corpos materiais.

O Gnosticismos defendia a ideia de um determinismo antropológico, que alguns homens nasceram carnaís (materiais, carnaís durante a existência), nasceram para serem condenados; outros nasceram psíquicos, que predomina em sua existência a inteligência, esse ainda não alcançaram a sabedoria, mas estão em processo quanto do exercício da razão, esse

grupo fazem um exercício de elevação e outro grupo de humanos são os espirituais. O grupo dos humanos espirituais, os pneumáticos, esses são destinados à salvação. Os gnósticos acreditavam que se salvam pela iluminação por meio do conhecimento, por possuir a centelha divina na alma.

Para o gnosticismo, Jesus Cristo não era visto como um salvador que morreu pelos pecados da humanidade (como no cristianismo ortodoxo), mas como um ser divino enviado pelo verdadeiro Deus para trazer a gnose. Muitos gnósticos rejeitaram a encarnação física de Jesus, acreditando que ele só apareceu em forma humana (docetismo).

Os textos gnósticos apresentam frequentemente um Cristo revelador de sabedoria oculta, contrastando com os evangelhos canônicos.

Importância histórica e acadêmica dos escritos apócrifos

Na obra *Bíblia Apócrifa, Segundo Testamento*, Jacir 2025, pp 43-45, elenca 22 teses acerca da importância dos Apócrifos do Segundo Testamento, como prefere chamar. Citamos as 22 teses exposta em sua obra sobre a importância dos textos apócrifos:

Uma forma diferenciada de literatura dos primeiros cristãos que ajudou a fixar os ensinamentos da pregação oficial;

- Resgatam a face do Cristianismo perdido ou excluído face ao Cristianismo hegemônico;
- Evidenciam elementos da pregação de Jesus que o Cristianismo hegemônico esqueceu ou não evidenciou;
- Relatam a luta pelo poder das lideranças cristãs nos primeiros séculos;
- Apresentam um novo perfil de Maria de Magdala, como um modelo de sabedoria, diferentemente dos Evangelhos Canônicos;
- Servem de complementariedade aos evangelhos canônicos por apresentarem informações sobre a vida de Jesus e seus seguidores, demonstrando que havia outras formas de pregação e transmissão oral e algumas delas copiladas nos apócrifos;
- São testemunhas de visões alternativas, como o do gnosticismo;
- Possibilita ao leitor contato com uma diversidade de textos;
- Possuem valor significativo para os estudos acadêmicos, pois revelam a diversidade do cristianismo primitivo, ajudam a compreender disputas teológicas e contribuem para o entendimento da formação do cânon bíblico;

- Expõem a diversidade de cristianismos nas origens;
- Baseado no contexto histórico, nos proporcionam uma fé crítica e ecumênica;
- Apresentam uma linguagem do cristianismo partindo de uma escrita e visão mais mitológica, menos rigorista do evento Jesus histórico;
- Projetam uma imagem de Jesus esquecida ou evitadas nos canônicos, bem como a visão de Maria e sua devoção que atravessa os séculos;
- Expressões e visões apresentadas nos textos apócrifos continuam presentes no imaginário popular;
- Serviram de base para alguns dogmas de fé da Igreja oficial;
- Fomentaram uma espiritualidade que ultrapassam as instituições religiosas;
- São testemunhas de uma literatura catequética popular;
- Foram utilizados pelas comunidades primitivas, mesmo com oposições;
- Literatura de interesse da classe letrada da Idade Média e Moderna, sobretudo para compreender devoções Marianas;
- Fortes influenciadores da arte e literatura cristã da Idade Média e Moderna;
- Evidenciam o encontro do evangelho e a cultura;
- São escritos que nos inserem no caminho de volta aos primórdios do cristianismo.

Partindo das teses supras, contidas na obra de Jacir 2025, pp. 43-45, que retratam da importância desses textos para o cristianismo, é perceptível a relevância histórica dos escritos apócrifos para melhor compreensão do modo de vida dos primeiros cristãos em sua multiplicidade e a gama de materiais que instauram um vasto campo para pesquisa acadêmica e o quanto esses textos contribuem para o aprofundamento da cultura, da tradição e do desenvolvimento do cristianismo ao longo dos primeiros séculos.

Outro fator importante que aguçou os estudos em torno das escritas apócrifas foi a descoberta da biblioteca de Nag Hammadi, em 1945, Elaine 2006, que ampliou significativamente o acesso a esses textos reacendendo o desejo pela pesquisa e compreensão dos escritos que retrataram o cristianismo em suas origens e a vida das comunidades em sua multiplicidade de representações.

Considerações finais

Os textos que compõem o chamado Evangelho Apócrifos constituem como testemunhos importantes da diversidade que caracterizaram o cristianismo nos seus primórdios e que retrataram a riqueza da sua cultura.

A diversidade na compreensão da vida e obras de Jesus contada por comunidades distintas no começo do cristianismo, não pode ser considerada como um fator irrelevante, mas como o exercício das liberdades caracterizadas pelas instancias regionais e culturais de cada comunidade que se formava.

Os múltiplos textos que circularam nas Comunidades Cristãs primitivas contribuem para uma compreensão mais ampla das origens da fé cristã e das dinâmicas que levaram à definição da ortodoxia.

Os textos Apócrifos que circularam nos primeiros séculos do cristianismo constituem fonte reveladora de costumes, rituais, liturgias e culturas que foram marcantes para a vida das comunidades cristãs e que serviram de base para sua propagação ao longo dos tempos.

Referências

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Diversas edições.

BÍBLIA Apócrifa. Segundo Testamento. Frei Jacir de Freitas Farias – Petropolis, RJ: Vozes, 2025.

CULLMAN, Oscar. *Das Origens do Evangelho à formação da Teologia Cristã*. Tradução de Daniel Costa. Fonte Editorial, SP – 2000.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos Aberrantes, complementares e Cristianismo alternativos – poder e heresias: introdução crítica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIEBAERT, Jacques. *Os Padres da Igreja, Séculos I-IV*. Tradução Nadyr de Salles Penteadó. Edições Loyola – 4ª Edição 2024.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. Cultrix, 2006.

SPANNEUT, Michael. *Os Padres da Igreja, Séculos IV-VIII*. Tradução João Paixão Neto. Edições Loyola – 3ª Edição 2024.

STAMBAUGH, John E. *O novo Testamento em seu ambiente Social*. John E. Stambaugh e David L. Balch; Tradução João Rezende Costa – São Paulo: Paulus, 1996.